

RELAÇÕES DIALÓGICAS E AXIOLÓGICAS NO GÊNERO CHARGE: O CASO DA PROPAGANDA ELEITORAL

*Éderson Luís Silveira**

*Wilder Kleber Fernandes de Santana***

*Leonard Christy Souza****

RESUMO

A presente pesquisa qualitativa, de ordem descritiva, visa apresentar uma proposta analítica acerca de uma charge sem título veiculada em 2010 que está relacionada ao horário da propaganda eleitoral gratuita no Brasil. Para isso, os conceitos de dialogismo e axiologia foram mobilizados a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin. Nesta perspectiva, a palavra alheia é o eixo organizador do dialogismo porque a palavra do outro está sempre presente na constituição dos enunciados e frases que proferimos. O interdiscurso, então, está relacionado a uma prática discursiva que não visa incluir outras formas de interação que não a língua culta fixando assim, identidades repetitivas e conservadoras sobre instâncias e sujeitos a que se referem. Constatou-se que o gênero possibilita assinalar a presença da dialogicidade remetendo a uma heterodiscursividade relacionada a uma multiplicidade de vozes que confere vida aos enunciados, (con) formando e agenciando o caráter excedente do acontecimento ideológico explicitado na charge.

Palavras-chave: Relações Dialógicas; Outro; Charge.

ABSTRACT

This qualitative and descriptive research article aims to present a proposal on a charge without an analytic title published in 2010, which is related to the free election program time in Brazil. For this, the concepts of dialogism and axiology were mobilized from Bakhtin circle studies. In this perspective, the word of other is the axis organizing dialogism because the word the other is always present in the Constitution of the statements and sentences that we produce. The interdiscourse then relates to a discursive practice that is not intended to include other forms of interaction than the culture language setting so repetitive and conservative identities on instances and subject to which they relate. It was noted that the genre allows the presence of recalling a heterodiscursiveness exchange related to a multitude of voices that gives life to the listed, (con) forming and handling over character event ideological explained in charge.

Keywords: Dialogic relations; Another; Charge.

* Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

** Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

*** Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Adjunto do PPG em Letras da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: leonardufam@gmail.com.

INTRODUZINDO O PERCURSO

O estudo da língua/linguagem remonta a um passado mais distante que a própria constituição do campo da ciência linguística. Desde mais de 2000 anos, gramáticos gregos e romanos se dedicavam ao estudo da língua na Antiguidade Clássica e foram seguidos pelos renascentistas e gramáticos prescritivistas do século XVIII. Tal temática permanece atual e suscita diálogos, contradições, singularidades e uma coletividade de pensadores que não cessa de buscar entender o funcionamento desse objeto de estudo que, para alguns, não pode estar apartado do terreno das práticas linguageiras.

O dialogismo, na perspectiva dos integrantes do Círculo de Bakhtin, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real e é um dos modos de se considerar a questão da língua/linguagem e considera uma diversidade de autores. Segundo Santana, Guedes e Lira (2017), a filosofia do ato ético, esboçada por Bakhtin entre 1920 e 1924 abarca uma coletividade de pensadores que vão desde Aristóteles a Shelling (1775-1854) Hermann Cohen (1842-1918).

A intitulação de *filosofia do ato responsável*, por parte do editor russo, foi cuidadosamente elaborada (considerando que desde Aristóteles ocorre a discussão da questão do ato enquanto potência). Apesar de ter sido concebida na década de 1920, a *Filosofia do ato responsável* teve aparição apenas em 1986. Nesta obra, para o filósofo russo, o mundo da cultura (domínio da abstração) e o mundo da vida (campo da realidade) encontram-se atravessados por uma separação irreduzível (BAKHTIN, 2012 [1920-1924]). Por isso, é preciso considerar o evento enquanto acontecimento singular e irrepetível. Há, portanto, um projeto ético embutido na crítica aos sistemas universalizantes, pois “[...] tudo o que é universal e pertence ao sentido adquire seu peso e obrigatoriedade [...] somente em correlação com a real singularidade” (BAKHTIN, 2012 [1920-1924], p. 102).

Cabe assinalar que Bakhtin foi um filósofo russo que se posicionou contra as grandes narrativas do final do século XIX como o estruturalismo, a psicanálise e o formalismo, por exemplo. Sua obra está marcada por reflexões acerca da alteridade, da crítica à hierarquização entre cultura erudita e cultura popular, crítica ao enaltecimento do formalismo e dos regimes de (interpretações de) signos e da linguagem que buscam cercear sentidos em um escopo totalizador. Ao considerarmos a relação entre Bakhtin e o Círculo, pode ser mencionado, por exemplo, que Pavel N. Medviédev publicou posteriormente, em 1928, *O método formal nos estudos literários*, onde é apresentada uma série de críticas ao formalismo europeu, sobretudo o formalismo russo.

Dessa forma, a poética sociológica de Medviédev é uma ciência das ideologias considerando os produtos do espírito humano (o universo das superestruturas) a partir da qual se considera a arte literária. Uma das questões centrais da obra é que Medviédev acentua que a linguagem poética contrasta com a linguagem prática. Nesse contexto, o que interessa ao autor não é o linguístico em si, mas os processos de apropriação do linguístico que, sob determinadas construções, caracteriza a linguagem poética. Diz o autor: “[...] a linguagem poética adquire as características poéticas apenas em uma construção poética concreta. Essas características não pertencem à língua na sua qualidade linguística, mas justamente à construção, seja ela qual for” (MEDVIÉDEV, 2012, p.142). Não é a toa que o linguista Carlos Alberto Faraco (2009) sugere que, para compreender e aprofundar a concepção de linguagem a que o Círculo de Bakhtin se refere, este texto de Medviédev é um dos principais, somado a outros dois assinados por Bakhtin, que são *O autor e o herói na atividade estética* e *O problema do conteúdo, do material e da forma da arte verbal*.

Para acentuar a relação entre os membros do Círculo, valem as palavras do filho de Medviédev, Iuri P. Mediédev, que na nota bibliográfica da página 219 do *Método formal nos estudos literários* (MEDVIÉDEV, 2012) menciona a existência de uma “coletividade de pensadores” que, por ser coletiva abarca proximidades, diferenças e singularidades. Daí o fato de serem mencionadas as obras de Bakhtin, de Medviédev e de Volochínov que têm relação com a análise que se propõe no presente artigo.

Vale ressaltar que os escritos de Bakhtin e de Medviédev, na proporção que tecem os fundamentos de uma filosofia da vida (*Lebensphilosophie*¹), posicionam-se vorazmente à “filosofia da cultura”, segundo a qual Henri Bergson (1859-1941) é um dos principais representantes, no terreno idealista alemão. É nas linhas tangenciais da “Filosofia da cultura idealista e do positivismo nas ciências humanas” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 45) que os estudiosos russos (inclua-se Volochínov) propõem novas maneiras de análise da linguagem, assim como seus meios de produção, alertando para o diálogo imprescindível entre vida e arte. (SANTANA, 2017).

Na ótica discursiva de Volochínov (2005 [1930]), três aspectos concretizam a dimensão extraverbal do enunciado: o espaço e o tempo do evento, o objeto ou o tema do enunciado (aquilo de que se fala) e a posição dos interlocutores diante do fato – a “avaliação”. Importa a forma como esses três aspectos dialogam. Todo e qualquer enunciado, para que seja compreendido, deve ser considerado na interdiscursividade desses três elementos. Nas palavras do autor supracitado,

Sem o liame que a situação cria entre os locutores, sem uma proximidade do evento que lhes é comum, e sem a posição de cada um face a este evento, as palavras pronunciadas por um seriam ininteligíveis para o outro, destituídas de sentidos, desprezáveis. É unicamente porque existe alguma coisa de “subentendida” que a comunicação e a interação verbal se tornam possíveis. (VOLOCHINOV, 2005 [1930], p. 10, destaque do autor).

Refletindo sobre o exposto, o presente artigo incide sobre a densidade dialógica na qual pode ser percebido o caráter axiológico, cuja base conceptual vai ser apresentada mais adiante, presente nas relações que se estabelecem entre sujeitos. A propósito, o trabalho se concretiza nesse contínuo debate por averiguar o diálogo entre os discursos *educacional gramatical* (de base tradicional) e *político*, através de reacentos e valorações ético-cognitivas encontrados em uma charge, discursivizados na materialidade enunciativa. Pretendemos, portanto, analisar como a responsividade e a axiologia ganham concretude a partir do instante em que o sujeito é constituído pela/na linguagem especificamente na charge sem título, assinada por Bier². A partir de uma pesquisa qualitativa sob a égide da análise dialógica do discurso, averiguamos existir relações dialógicas e axiológicas nos discursos produzidos pelos sujeitos a partir dos entrelaçamentos enunciativos produzidos a partir da charge.

1 A *filosofia da vida* é considerada não-transcendental, uma vez que se centra no mundo concreto e não em princípios alheios a ela e “não imanente”, uma vez que se centra no agir dos sujeitos, prestando ênfase ao processo da ação, sem deixar de levar em conta os seus resultados. (cf. SOBRAL, 2009).

2 Assinatura do cartunista e jornalista brasileiro Augusto Bier que trabalhou em periódicos do Rio Grande do Sul (*O interior*, *Coojornal* e *O Sul*) e n^o *O Pasquim*, do Rio de Janeiro; vencedor do Salão Internacional de Humor de Piracicaba e do Salão de Duisburg, na Alemanha.

DIALOGISMO E AXIOLOGIA: CATEGORIAS DESENVOLVIDAS POR BAKHTIN E O CÍRCULO

Antes de adentrarmos propriamente na discussão e análise, precisamos entender o que Bakhtin e o círculo compreendiam por relações dialógicas e axiologia.

A natureza dialógica da linguagem, como definição teórica, desempenha papel importantíssimo nas obras de Bakhtin e o Círculo. Nos anos áureos do filósofo, somos levados à concretude de uma filosofia que se expande na percepção-para-além de sua produção inicial dos anos 20, por exemplo, o que podemos verificar em “Freudismo”, quando reage criticamente tanto ao psicologismo idealista imperante na Alemanha quanto ao positivismo que vigorava em grande parte da Europa. Outra recorrência se averigua em seu texto inacabado “Para uma filosofia do Ato responsável³”. Assim, dada a noção de monologismo, por Bakhtin, como “discurso que não se dirige a ninguém e não pressupõe resposta” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 323), retornamos às vozes e aos ecos filosóficos deste estudioso russo no contexto inicial de sua produtividade:

O homem contemporâneo sente-se seguro de si, próspero e inteligente, quando ele próprio não está essencialmente e fundamentalmente presente no mundo autônomo de um domínio da cultura e de sua lei de criação imanente. Mas ele se sente inseguro, deficiente e destituído de compreensão, quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro emissor de atos ou ações responsáveis na vida real e única. Isto é, nós agimos com segurança apenas quando o fazemos não como nós mesmos, mas como alguém possuído pela necessidade de significado imanente de algum domínio da cultura. (BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 38).

Contrário ao monologismo, os discursos se encontram atravessados por enunciados alheios. Estes não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração. Nesta perspectiva, a palavra alheia é o eixo organizador do dialogismo porque a palavra do outro está sempre presente na constituição dos enunciados e frases que proferimos. É Bakhtin que vai afirmar, neste contexto:

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último revestimos terceiras de nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas (BAKHTIN, 1997 [1963], p. 195).

3 Para Michael Holquist, em prefácio à edição americana *Toward a Philosophy of the Act* (Austin: University of Texas Press, 1993), “Para uma filosofia do Ato é em si um exemplo do que Bakhtin está procurando compreender. Sua ação tinha um significado para ele como um ser único da segunda década deste século sombrio; mas a possível camada de subjetividade que o ato constituía se justifica através da ressonância que ele tem em um tempo diferente e em um lugar diferente” (in BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 11). Paralelo a isso, Vadim Liapunov (Prefácio do tradutor da edição Americana) trará que se trata de “uma tradução de um ensaio filosófico inacabado de M. M. Bakhtin (1895-1975) que foi publicado na Rússia em 1986 por S. G. Bocharov sob o título de *K filosofii postupka*” (in BAKHTIN, 1993 [1920-1924], p. 12).

Ao delimitarmos a charge enquanto gênero discursivo, não serão observados apenas seus aspectos morfosintáticos ou semântico-pragmáticos, mas sobretudo os axiológicos presentes em sua construção dialógica. Nessa perspectiva, as réplicas no discurso consistem nesse diálogo concreto em que se reenuncia(m) o(s) discurso(s) outro(s), aqui e agora.

As proposições de Bakhtin sobre o ser humano e a linguagem são sacralizadas por relações dialético-dialógicas, o que pressupõe uma relação com as esferas de atividade humana. As fronteiras do diálogo propiciam vários pontos de vista, que, por sua vez, enformam valorações centrífugas. “Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 275). O dialogismo, em processo de outrificação nas Ciências Humanas (SANTANA, 2017), consiste em um confronto de entonações entre os sujeitos, sob sistemas axiológicos que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um terreno de visão (possível).

Nessa esteira discursiva, a axiologia faz menção às atribuições de valor(es) presentes na obra a partir das dialogizações provocadas entre autor e personagem. Conforme Santana (2017, p. 240),

A valoração é um elemento importante na obra, em que o autor justapõe responsivamente os enunciados (e todos os outros elementos) à história e à memória ideológica sociais. **Esse plano, chamado de axiologicamente valorativo**, se faz de modo responsabilmente racional, ou seja, é o ponto nevrálgico em que a obra mantém contato pleno com outras vozes que a atravessam, e aí reside seu valor interdiscursivo.

O valor axiológico que um autor-contemplador pode atribuir a uma obra, ao lê-la, concluí-la, ao delimitá-la com seus tons emotivos-volitivos, é transferir a esse objeto os diálogos existentes em seu interior, ou seja, estabelecer vínculos desta com outras obras/vozes/valorações. O autor não deve vivenciar o objeto para si mesmo, mas sempre pensando que o vivenciamento de uma postura axiológica consiste na presença constitutiva do outro em mim (outros enunciados que atravessam os discursos os quais profiro). (SANTANA, 2017, p. 240, grifos nossos).

Este “valorar” não se acaba em níveis literários, mas também é trazido para as esferas ética e cognitiva, em que o sujeito-autor, ao produzir e proliferar seus discursos, o faz de modo responsabilmente axiológico, uma vez que o outro com o qual dialoga é quem o constitui.

O GÊNERO DISCURSIVO *CHARGE*

O funcionamento da língua não se dá de forma desarticulada das esferas de atividade humana. Neste interim, Bakhtin/Volochinov (2012 [1929], p. 153) conceituam o enunciado como “um organismo muito mais complexo e dinâmico do que parece se não se considerar apenas a sua orientação objetual e sua expressividade unívoca direta” e postulam que um enunciado é atravessado “pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes ideológicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012 [1929], p. 318). Bakhtin/Volochinov (2012 [1929], p. 86) afirmam que

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social.

Considerando as esferas da atividade humana e a relação com o uso da língua/linguagem cabe acentuar, com Bakhtin (2006, p. 280), que cada esfera da atividade humana “comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. O teórico russo define gêneros do discurso como “**tipos relativamente estáveis** de enunciados” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 280, grifos do autor). Aqui cabe uma ressalva:

[...] é necessário olhar a noção de gêneros do Círculo de Bakhtin a partir de sua historicidade, já que não são unidades convencionais, em que o termo tipo se refere a uma taxonomia de textos-enunciados feita a partir de um critério formal. A tipificação a que se refere Bakhtin é uma tipificação histórica, resultado das interações sociais; é uma regularidade que constitui, fruto do trabalho histórico (SILVEIRA; ROHLING; RODRIGUES, 2012, p. 49).

O surgimento e a (des)aparição de gêneros revelam necessidades de interlocução que vão se modificando com o passar do tempo. Para Silveira, Rohling e Rodrigues (2012) mudanças sócio-históricas repercutem nas relações de subjetividade e alteridade dos sujeitos. Dessa forma, compreende-se que o gênero charge como sendo da ordem do relativamente estável, constituído de uma zona fronteira entre o verbal e o não verbal resultando assim em um discurso verbo-visual.

Neste contexto, para Francelino (2011, p. 05), tais características desse gênero articulam-se à sua estrutura enunciativa pela veiculação de “uma posição ideológica, uma visão de mundo, um ponto de vista acerca de um objeto de discurso”. Vale destacar que a palavra *charge* tem origem francesa, aludindo a conceitos como carga, peso, exagero. No âmbito dos estudos de gênero do discurso, portanto, consiste em um tipo de enunciado que exagera, propositadamente visando à produção de efeitos de humor.

Em relação à estrutura composicional trata-se de um gênero curto. Instaurando-se a partir de leituras de recortes de eventos de circulação nacional e/ou local a charge se alicerça no meio político, ideológico e social e utiliza além de elementos morfossintáticos, frases de efeito e ironia, de recursos imagéticos, como caricaturas, imagens metafóricas e símbolos (SANTANA; GUEDES; LIRA, 2017).

NOS PASSOS DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Segue a charge a ser analisada:

Figura 1: Charge de Bier (2010)



Fonte: <http://augustobier.blogspot.com.br/2010/07/blog-post.html>

Eis a exibição do objeto de nossa análise, a charge, que, caso oriente-se para o imanentismo, não pode ser compreendida em sua arquitetônica. Então, sob viés discursivo, ao selecioná-la, o propósito é o de refletir sobre, especificamente, duas questões: a “natureza” contraditória da expressão “gratuito” e a alusão a um exterior constitutivo que remete a uma multiplicidade de vozes ausentes que atravessam o enunciado no âmbito da produção de sentidos.

Em relação aos múltiplos sentidos possíveis no que diz respeito à expressão “horário eleitoral gratuito” é preciso enfatizar que, apesar de os partidos políticos não pagarem nada pela exibição das propagandas em época de campanha eleitoral, 80% do que as empresas iriam receber caso vendessem o espaço utilizado, pode ser descontado⁴ do montante total que elas deve(ria)m pagar de imposto de renda. O horário eleitoral gratuito, portanto, *de gratuito não tem nada*. Mas a crítica que é produzida pela charge não faz menção a este fato. Pelo contrário, para produzir humor, o sujeito-personagem da charge que está assistindo TV se refere a outro tipo de gratuidade. Uma gratuidade que está relacionada, segundo ele, a uma expectativa em relação às formas de comunicação verbal que, em instâncias formais, não chega a ser “cumprida” integralmente.

Ao caracterizar tal gratuidade, a valoração vem à tona justapondo responsivamente enunciados de tal instância enunciativa (época de eleições) à história e à memória sociais. Essa dimensão axiologicamente valorativa é racional e é atravessada por outras vozes que apregoam o enaltecimento da língua culta e refletem na marginalização de modos informais de interação. O interdiscurso, então, está relacionado a uma prática discursiva que não visa incluir outras formas de interação que não a língua culta fixando assim, identidades repetitivas e conservadoras sobre instâncias e sujeitos a que se referem (SILVEIRA; ALMEIDA, 2016).

4 Fontes: <http://www.tse.gov.br>, <http://www.tre.sp.gov.br>, <http://www.receita.fazenda.gov.br>

Dessa forma, pode-se centrar no modo como o interlocutor dessa mensagem a recebe, em que a expressão “gratuito nada”, de início, parece aludir ao fato de que ele se refere ao bolso do brasileiro, quando, ao contrário, ao final do enunciado, o sujeito-personagem afirma que a gramática pagará caro, sugerindo que muitos erros de gramática s(er)ão cometidos nas enunciações dos políticos (fato que, inclusive, que visa produzir o efeito de humor da charge). Tal consideração leva-nos a outro ponto que incide sobre o nível cognitivo-cultural do brasileiro, quando o sujeito-personagem afirma que a gramática “pagará caro”. Nota-se que esse sujeito-personagem está observando o discurso eleitoral sob uma perspectiva gramatical, formal, ou seja, a partir de uma visão de língua como estrutura, e isso reflete a condição de compreensão de grande parte dos brasileiros, que enxergam os discursos sociais a nível puramente formal, negligenciando as camadas discursivas (e os efeitos) que a constituem.

Como os espaços sociais são ideologicamente marcados, a construção dos sujeitos se materializa a partir dos discursos. O tom valorativo que marginaliza usuários de formas de interação verbal que não gozam de prestígio na sociedade letrada faz com que uma multidão de vozes representada pela voz do sujeito-personagem atue discursivamente para acentuar tal marginalização. Nessas circunstâncias, a ideologia da norma que atravessa discursos social e ideologicamente marcados, revela também uma ausência que se faz presente no referente das afirmações: a valoração negativa se dá em relação àqueles que não dominam a norma culta da língua portuguesa.

Como a língua e a linguagem, sob o viés que é tomado como ponto de partida no presente texto, não pode se reduzir à forma ou à estrutura, pode-se afirmar que, não somente a charge, mas o horário político eleitoral são instâncias da ordem do relativamente estável por causa de um fator preponderante: o grau de instrução e domínio da norma padrão não é requisito principal para disputa de eleições.

De acordo com o site do TSE (2018), para concorrer à eleição, é necessário cumprir seis exigências: nacionalidade brasileira, pleno exercício dos direitos políticos, alistamento junto à Justiça Eleitoral, ter domicílio eleitoral na circunscrição, ser filiado a um partido a pelo menos seis meses antes das eleições e atender à idade mínima exigida para cada cargo. Para o sujeito-personagem, entretanto, a propaganda eleitoral deveria ser incompatível com o uso informal da língua portuguesa (em desacordo com a gramática tradicional). Sob este prisma, a associação entre uso da norma culta, em espaços de propaganda eleitoral, aparece como se tais elementos fossem equivalentes e inter-relacionados. Esse efeito de obviedade não constitui as máximas da ideologia e da axiologia, as quais se dão em fronteiras, arenas de vozes orquestradas. Como a personagem parece não possuir domínio de análises discursivas, afirma que gramática (e a concepção de língua que se reduz à forma) pagaria caro.

Ao contrário do que pode parecer, a gramática não é apenas uma, e as línguas não se realizam todas da mesma forma. Por estar nos terrenos do relativamente estável, a língua se realiza através de gêneros do discurso, e é por isso que ela não pode ser apresentada como um “prato feito” viés no qual sua realização se daria por meio da previsibilidade (SILVEIRA; SILVA, 2018). Assim, a relativa estabilidade é que permite problematizar a opacidade da língua e a heterogeneidade de formas com que esta pode se manifestar nos ambientes de práticas linguageiras efetivas.

O enunciado que afirma que *quem pagará caro é a gramática* se articula a partir de uma tessitura de vozes que se manifesta inscrevendo-se na constatação da existência (sic) de uma língua homogênea. Mais do que antever de que forma se dá a valoração e a inscrição axiológica do sujeito da charge, torna-se necessário, então, perceber que o enunciado reforça a anulação da organicidade da língua enquanto objeto fluído e mutável que se transforma e se modifica de acordo com a necessidade dos usuários.

Contrariando a existência deste organismo, ocorre em nossa sociedade a reprodução de discursos que podam-lhe a essência e a transformam em um objeto concreto, mensurável, reduzido e engaiolado por normas e restrições que acabam por amarrar um ideal de língua “superior”, ora ligado à fala urbana culta dos grandes centros, ora espelhando-se na escrita, onde as mudanças não ocorrem de modo tão significativo quanto em relação à língua falada. Então, quando ocorre a escolha de uma língua [...] (a língua “correta”), isso não ocorre sem consequências (SILVEIRA, 2013, p. 01).

Quem pagará caro não será apenas a gramática, mas toda uma multiplicidade de vozes manifestas discursivamente. Tal heterodiscursividade constitui os enunciados, tantos aqueles a quem o sujeito-personagem se refere quanto aqueles materializados por sua voz. Como nenhum discurso se realiza no vazio e o sujeito não é fonte ou origem de seu dizer, ele está permeado de uma contingência social, histórica e cultural que o constitui n(o uso d) a língua (gem).

O dialogismo, neste âmbito, se refere a um coro de vozes que antecede e constitui os enunciados presentes na charge, visto que todo discurso é embebido por outros discursos (FIORIN, 2006). Isso porque as relações dialógicas constituem o discurso. Ao utilizar a expressão “Gratuito nada” há uma faísca de vozes (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012 [1929]) na qual se instaura um novo enunciado, porque é dito de uma nova maneira, em um espaço jamais utilizado dessa forma (o horário não é gratuito porque as empresas que o exibem podem obter parcial isenção de impostos).

Então, o sujeito-personagem espectador constrói sua enunciação a partir da afirmação do outro, para dele se distanciar, opondo-se ao enunciado anterior por meio de uma acentuação que lhe atribui ironia e reconfiguração (a gratuidade se deve a outra instância), o que fica implícito no texto-enunciado de conteúdo marcadamente irônico. Percebe-se, então, que nesse plano verbo-visual, o outro se insere nos enunciados e a resposta-ativa desse interlocutor pode ou não ser levada em consideração na elaboração do enunciado porque “[...] não existe discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que o vinculam” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 384).

Nesse sentido, corroboramos com as construções bakhtinianas de que todo enunciado é axiológico, porque evoca, no elo de uma arquitetônica, resposta(s) a partir de uma dada posição social. Ao prestar uma resposta, ainda que em nível puramente formal, o sujeito da enunciação torna-se responsável pelos valores que contornam suas enunciações, uma vez que presta réplica(s) a dois interlocutores: o imediato à enunciação e todos os outros que ainda ouvirão seu dizer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da charge, constatou-se que o gênero possibilita assinalar a presença da dialogicidade, uma vez que, quando um dos enunciados verbais remete a um preço caro a se pagar, não é apenas a gramática que pagará caro, mas todo um coro de vozes manifesto pelos sujeitos da enunciação, que remete a uma heterodiscursividade. Desse modo, sua compreensão responsivo-ativa concretiza-se na ressonância de outras vozes numa orquestração plurivocal. Tais vozes estão relacionadas a uma ausência constitutiva do enunciado verbal, apontando para a existência de sujeitos que não aprenderam satisfatoriamente (sic) a empregar a língua culta. Dessa forma, a multiplicidade de vozes – ausentes e presentes, consoantes ou contrárias - confere vida aos enunciados, (en) formando e agenciando o caráter excedente do acontecimento ideológico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2ª. ed. Pedro & João Editores. São Carlos, 2012 [1920-1924].

_____. **Para uma filosofia do ato**. Tradução não revisada para fins de uso didático e acadêmico. Trad: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1993 [1920-1924].

_____. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3. ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1963].

_____. ; VOLOCHINOV, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem / prefácio de Roman Jakobson; apresentação de Marina Yaguello; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Texeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. – 13. ed. – São Paulo: Hucitec, 2012 [1929].**

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BIER, Augusto. **Charge sem título**. 2010. Disponível em: <<<http://augustobier.blogspot.com.br/2010/07/blog-post.html>>> acessado em 21 de maio de 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FRANCELINO, Pedro Farias. Enunciação, dialogismo e autoria em enunciados midiáticos verbo-visuais. **Revista MOARA** n.36, p.104-114, jul.-dez., 2011.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O Método Formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. **Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico Dos Cânticos**. In: SINALP - Simpósio Nacional de Literatura Popular, 2017, Joao Pessoa. Cultura Popular e Cosmopolitismo - Simpósio Nacional de Literatura Popular. Joao Pessoa: Mídia Editora, 2017. v. 1. p. 6-247.

SANTANA, W. K. F.; GUEDES, Karol Costa; LIRA, Dayena Medeiros. Responsividade e axiologia no gênero charge: uma proposta de compreensão a partir de Bakhtin e o Círculo. In: SILVA, Fabíola Nóbrega; XAVIER, Manassés Moraes; FRANCELINO, Pedro Farias; ALMEIDA, Maria de Fátima. (Org.). **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017, p. 17-223.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda da; ROHLING, Nívea; RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A análise dialógica dos gêneros do discurso e os estudos de letramento: glossário para leitores iniciantes**. Florianópolis: DIOESC, 2012.

SILVEIRA, Éderson Luís; ALMEIDA, Agnaldo. (Des) legitimando as ciências da linguagem: notas para (não) deixar seu linguista em paz. **Linguagem (São Paulo)**, v. 26, p. 01-16, 2016.

SILVEIRA, Éderson Luís. (Des) construções acerca do imaginário de uma língua homogênea: consequências e discursivizações de um mito. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**, v. 4, p. 1-10, 2013.

SILVEIRA, Éderson Luís; SILVA, Francisco Vieira da. A gramática (in)atingível: o ensino (tradicional) da língua portuguesa entre discursividades outras e velhas roupagens. **Hon no Mushi**, 2018 [no prelo].

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

TSE. **Registro de candidatos: quem pode e quem não pode candidatar-se**. 2018. Disponível em: <<<http://www.tse.jus.br/eleitor/processo-eleitoral-brasileiro/candidaturas/registro-de-candidatos>>> acessado em 21 de maio de 2018.

VOLOCHÍNOV, V. N. Estrutura do enunciado. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos. 1930, com base na tradução francesa de Tzvetan Todorov ("La structure de l'énoncé, 1930). In: TODOROV, T. **Mikhail Bakhtine: le principe dialogique**. Paris: Seuil, 2005 [1930], p. 287-316.

